

A VIDA RELIGIOSA COMO ÊXODO

UISG BOLETÍN

NÚMERO 154, 2014

APRESENTAÇÃO	2
UM ÊXODO PARA CENTRAR A VIDA EM JESUS CRISTO E NO SEU PROJETO <i>Irmã Lucia Weiler, IDP</i>	3
A REDUÇÃO, TEMPO DE GRAÇA PARA VIVER NA FÉ <i>Irmã Maria Isabel Ardanza Mendilibar, CCV</i>	15
ATITUDES PARA VIVER MUDANDO “PÔR-SE A CAMINHO!” (LC 10) <i>Irmã Josune Arregui, CCV</i>	23
COMEÇAR DE NOVO - O DESAFIO DA VIDA RELIGIOSA FEMININA DO BRASIL - HOJE <i>Irmã Márian Ambrosio, IDP</i>	30
36 HORAS NAS ESTRADAS DA SÍRIA ORAÇÕES CONTÍNUAS E PREOCUPAÇÕES <i>Irmã Teresa K., FMM</i>	35
A VIDA DA UISG	38

A partir da última Assembleia Plenária (maio 2013), queremos aprofundar algumas das ideias dadas pelo papa Francisco às participantes na mensagem a nós dirigida por ocasião da audiência concedida no dia 8 de maio. Enfatizamos, nesta edição do Boletim, a abordagem da VR como êxodo.

A biblista brasileira Ir. Lucia Weiler, IDP, tomando as palavras do Papa - **“A vida religiosa significa um êxodo para centrar a vida em Jesus e em seu projeto”** - faz uma leitura interessante dos diferentes êxodos que a VR tem vivido, convidando a reler a experiência fundacional a partir deles. O novo êxodo proposto a nós, hoje, é centrar a vida em Jesus Cristo e seu Evangelho. Isso é feito no coração de cada pessoa e saindo daquelas estruturas que não ajudam a caminhar livremente para a adoração e o serviço.

“A redução, tempo de graça para viver da fé”: a teóloga Ir. M^a Isabel Ardanza, CCV, nos oferece algumas chaves de leitura para ler a redução numérica que muitas congregações estamos experienciando, como um lugar teológico onde “o Senhor nos espera, nos chama e nos envia”. Um tempo de graça para radicalizar o sentido de missão e aprofundar a vivência teológica.

A Irmã Josune Arregui, CCV, apresenta algumas **“atitudes para viver mudando”**, de acordo com o impulso recebido pelo Concílio Vaticano II: enfrentar a vida como processo, a partir de uma fidelidade itinerante, para ser memória de Jesus, ter um olhar positivo ao nosso mundo e uma postura de abertura e diálogo com o diferente; Superar o medo de avançar e viver acreditando. Os que creem são os que caminham.

O desafio da VR feminino no Brasil **“Começar de novo”**, é uma comunicação que a Ir. Marian Ambrosio, IDP, apresentou na Assembleia Plenária de 2013 e a divulgamos, aqui, por sua capacidade de iluminar as mudanças que a VR está enfrentando em muitos outros países. Trata-se de um êxodo pascal que pode nos levar a um novo nascimento e a ser sinais proféticos da presença atuante de Deus no mundo.

“36 horas no caminho para a Síria” fala da experiência vivida pela missionária na Rússia, Irmã Thérèse K., FMM, ao retornar à sua terra natal, na Síria, bloqueada por uma guerra terrível.

UM ÊXODO PARA CENTRAR A VIDA EM JESUS CRISTO E NO SEU PROJETO

Ir. Lucia Weiler, IDP

La Ir. Lucia Weiler, Congregação das Irmãs da Divina Providência, es doctora en Teología por la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro y es docente de Teología en la Escuela de Teología y Espiritualidad Franciscana (ESTEF).

Original in portugués

“A Vida Religiosa Consagrada significa um êxodo de vós mesmas para centrar vossa existência em Cristo e em seu evangelho”¹

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada sempre foi conhecida pela itinerância, em suas mais diferentes formas. É nesta sua característica e atitude itinerante que podemos ancorar o tema do Êxodo, não apenas como um evento, mas como paradigma bíblico, como espiritualidade e ícone inspirador de toda caminhada. O Êxodo nos desafia a sair de todas as formas de escravidão, em busca da liberdade, para adorar o Deus vivo e verdadeiro e servir com alegria e generosidade.

A VRC já experimentou muitos êxodos. Um olhar histórico retrospectivo, sobretudo desde o Concílio Vaticano II, nos faz perceber alguns êxodos coletivos: 1) o **geográfico**, deslocamento do centro para a periferia, o que possibilitou uma nova visão da realidade desde o reverso da história; 2) o **social**, que levou a uma mudança do lugar social e a assumir a ética do pobre e do excluído, intensificando a leitura crítica da realidade desde a base da sociedade organizada em pirâmide; 3) o **espiritual**, que agraciou a VRC com uma nova experiência de Deus, aprendendo com os pobres e marginalizados a ler os acontecimentos à luz da Palavra de Deus.

Neste movimento renovador de uma espiritualidade exodal, o livro bíblico do Êxodo foi lido e relido com novas chaves hermenêuticas tanto na vida eclesial, a partir das comunidades eclesiais de base (CEBs), quanto na Vida

Religiosa Inserida em Meios Populares (VRI). Esse tríplice êxodo exigiu um quarto que ainda está em andamento: o **êxodo cultural**. Na América Latina, temos muitos subsídios escritos seja para inspirar, seja para documentar este momento histórico dos anos 60 a 90. Principais motivadores foram a CLAR e a CRB, em mútua relação, por vezes conflitiva, mas sempre dialogal, com a CNBB e o CELAM.²

Na sequência dos quatro êxodos da VRC, aqui lembrados, e que longe de estarem superados ainda estão em movimento, acrescenta-se outro que ousou chamar de **Êxodo Antropológico – Cristológico**. Não gostaria de dar a impressão de que se trata de um êxodo cristocêntrico, embora o título poderia levar a tal interpretação. A proposta é “centrar nossa vida em Jesus Cristo e em seu Evangelho”. Por isso o movimento que caracteriza este êxodo, tem como horizonte a busca constante do Reino de Deus e de sua Justiça. Este é o conselho evangélico proposto por Jesus no Sermão da Montanha, segundo Mateus: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua Justiça” (Mt 6,33). Esta é a opção fundamental e fundante da vida cristã e, muito mais, da Vida Religiosa Consagrada, em todos os tempos. Requer um êxodo permanente: saída de si mesmo, dos próprios egoísmos, para centrar a vida no seguimento radical de Jesus, assumindo na prática seus valores para que se tornem Boa Notícia, Evangelho vivo para a humanidade. Assim a Vida Religiosa Consagrada é chamada a testemunhar traços do rosto materno e paterno de Deus como sinal do seu Reino de Amor e Justiça, que irrompe já aqui e agora, entre nós.

Assim como na Bíblia, o Êxodo é uma experiência original da constituição do povo de Deus, relido de geração em geração, também a Vida Religiosa Consagrada é chamada a reler constantemente sua experiência fundacional com a provocação e a realização de novos êxodos.

Seguimos nossa reflexão a partir de três focos:

- Êxodo como experiência de uma espiritualidade fundante;
- Releitura cristã do Êxodo, numa dinâmica pascal, a partir das comunidades do Discípulo Amado;
- Um novo Êxodo: centrar nossa vida em Jesus Cristo e no seu projeto, a partir do ícone da comunidade de Betânia (Jo 11,1 – 12,11).

1. Êxodo: experiência de uma espiritualidade fundante

A experiência de Israel que sai da dura servidão, no Egito, e inicia “um caminho em busca de liberdade”, percorrendo o deserto rumo a Terra Prometida, não é significativa apenas para os judeus, a tal ponto que se torna seu credo fundante (Dt 26, 1-11), mas torna-se também um paradigma da vida cristã.

povo em marcha era seu desejo de sair da condição de oprimido, seu desejo de viver em liberdade. Essas práticas libertárias, esses caminhos para a liberdade, e que chamamos de Êxodo, são a fonte primeira da religião de YHWH. Na visão bíblica, a experiência do Êxodo é a fundação do povo de Israel. É a origem de um modo de vida e de organização conhecido como tribalismo israelita, experiência única e revolucionária não só em nível sociológico, mas também teológico - espiritual.

Desta forma, ao longo dos livros da Bíblia este evento “Êxodo” foi lido, relido e celebrado de geração em geração, no ritual da Páscoa. Podemos dizer mesmo que o fio condutor que une todos os livros presentes na Bíblia é o Êxodo. O processo de libertação nunca se apagou na memória do povo. Continuamente, o povo passava pelo processo de opressão-libertação e retomada da caminhada dentro de novas situações.

Os três primeiros capítulos do livro do Êxodo colocam diante de nossos olhos a experiência de uma espiritualidade fundante a serviço da vida. Tudo inicia na contramão do sistema dominante que institucionaliza a lei da morte. São mulheres e crianças que se unem na solidária clandestinidade, na desobediência civil, na escuta profética do grito pela vida que ecoa dos oprimidos. As mulheres parteiras, Sêfora e Fua, a mãe de Moisés, Jocabed, e sua irmãzinha, Miriam, são as primeiras protagonistas do Exodo (Ex 1, 15-2,10). Articuladas entre si, sustentadas pela fé e pela presença do Deus da Vida, enfrentam, com coragem, o poder opressor do faraó e colocam sua própria vida em risco para salvar a vida. “Escutam a Deus onde a vida clama”, porque sabem escutar a vida onde Deus clama.

A partir da leitura orante do capítulo 3, podemos reconstruir alguns passos inerentes à espiritualidade exodal. Encontramos, nesta passagem, os eixos fundamentais da teologia do Êxodo:

- Em primeiro lugar, narra-se o desvio, ou a “volta” que Moisés faz ao ver a sarça ardente. A sarça simboliza o sinal que indica para a ação vigorosa da Palavra de Deus. Ação que tira as pessoas do seu lugar estável e as insere num caminho, num processo que não tem mais retorno. É a espiritualidade da itinerância. Depois da experiência da sarça, Moisés obedeceu à Palavra e nunca mais foi pastorear o rebanho do sogro. Até morrer, esteve na liderança de todo o processo de libertação, conduzindo o povo para a terra prometida, lugar que ele mesmo desconhecia.
- Em segundo lugar, Deus chama Moisés porque escutou o clamor do povo no Egito. Para Deus, qualquer chamado é feito em vista de uma missão, de um serviço. Toda vocação humana é uma resposta de Deus ao clamor de alguém. Ninguém é chamado por seus méritos pessoais ou para engrandecimento próprio. Todos e todas somos chamados porque alguém está clamando a

Deus e Deus busca, através das pessoas vocacionadas, atender a este clamor.

- Em terceiro lugar, Deus se revela neste processo vocacional. Toda vocação humana é espaço da revelação de Deus. Por isso mesmo, na Bíblia, nenhuma vocação se repete. Cada pessoa tem sua vocação específica a partir de um chamado original. A Moisés, Deus se revela como YHWH, o Deus libertador, Deus - Conosco. Este nome quer dar como garantia a Moisés a presença certa do próprio Deus no processo libertador. Mais do que garantir a existência de Deus, o processo de revelação do nome de Deus quer garantir a presença de YHWH, em meio ao povo e ao processo de libertação. Moisés pode seguir ao Egito com a certeza de que YHWH está com ele e com todo povo que se coloca a caminho.
- Em quarto lugar, todo o processo de libertação se concluirá com a chegada do povo à montanha santa, ao lugar onde deve adorar a Deus, prestando-lhe o verdadeiro culto. Deus não pode aceitar o culto de escravos e de dominados. Só as pessoas livres, que expressam sua liberdade em gestos celebrativos, é que podem prestar o verdadeiro culto a Deus, independente de tempo e lugar. Um culto, como diz Jesus para a mulher samaritana, em espírito e verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. ³

Resumindo, percebemos que, junto com o desejo de alcançar a Terra Prometida, onde Israel poderá finalmente gozar de liberdade e autonomia, está o desejo de “servir a Deus”. A ordem que Deus transmite ao Faraó por meio de Moisés é: “Deixai partir o meu povo! Para que me sirva no deserto!” (Ex 7,16). Ao todo, estas mesmas palavras constam quatro vezes na narrativa (Ex 7,26; 9,1; 9,13; 10,3).

O que se tem em vista não é somente a conquista da Terra Prometida, mas a possibilidade de servir a Deus como Ele quer ser servido. Israel parte, não para ser um povo como um outro povo qualquer, mas para servir a Deus. A meta que quer alcançar é a montanha de Deus, até então desconhecida, para nela adorar e servir YHWH. A terra sonhada e esperada por Israel será a terra destinada ao serviço do Senhor, onde o povo que nela reside poderá viver como Deus deseja, na liberdade e na justiça.

Na mesma esteira, acolhemos as palavras do Papa Francisco: *Foi Cristo quem vos chamou a segui-lo na Vida Consagrada e isto significa cumprir continuamente um «êxodo» de vós mesmas para centrar a vossa existência em Cristo e no seu Evangelho, na vontade de Deus, despojando-vos dos vossos projetos, para poder dizer com são Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20). Este «êxodo» de nós mesmos é pôr-nos num caminho de adoração e serviço.*⁴

Estas palavras nos levam a perguntar pelas releituras cristãs do Êxodo.

2. Releitura Cristã do Êxodo: uma dinâmica pascal

Jesus realiza o último e definitivo êxodo: passa da morte para a Vida. Este é o marco central e a chave interpretativa de todos os êxodos bíblicos. As comunidades cristãs, surgidas após a Ressurreição de Jesus, passaram a ler e interpretar o livro do Êxodo à luz do Mistério Pascal, isto é, da fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, novo Cordeiro Pascal (Ap 15,3). Pelo batismo, vivemos também nós a dinâmica pascal do novo êxodo (Rm 6,1-14). Jesus nos dá uma nova lei (Mt 5-7), alimenta-nos com o novo maná (Jo 6,48--51) para sustentar nossa caminhada como sustentou o povo no deserto (cf. Ex 16, 1-35). A Páscoa de Jesus Cristo sela definitivamente a Aliança e abre passagem para o Novo Povo de Deus (Ex 19,5-6; 1Pd 2,9-10).⁵

Foram as comunidades do Discípulo Amado que melhor entenderam e fizeram uma releitura cristã da Páscoa de Jesus a partir do Êxodo. Podemos ler o Evangelho de João como uma única narrativa que se desenrola na radicalidade da dinâmica pascal. É como uma rede que se apóia em duas estacas, com dois ganchos, no início e no fim da narrativa do Evangelho. Esta rede é entretecida por dois fios dourados que perpassam todo evangelho joanino.

a) Os dois ganchos: CORDEIRO DE DEUS – QUEM PROCURAIS?

O primeiro gancho é o “Cordeiro de Deus” a quem os primeiros discípulos seguem (Jo 1,36). No final do Evangelho Ele é imolado, na véspera da Páscoa dos judeus. Não se quebram ossos, mas de seu corpo transpassado jorram sangue e água (19,31-37).⁶

O segundo gancho, no início e no final do Evangelho, é a pergunta de Jesus que interpela para uma saída, um caminho de seguimento, para a libertação: “*Quem procurais?*” A pergunta é dirigida para os primeiros discípulos no chamado pré-pascal (Jo 1,38) e para Maria Madalena no chamado e envio pós-pascal (Jo 20,15).

b) Os dois fios: A HORA – PROGRAMA DOS SINAIS

O primeiro fio que vai tecendo, progressivamente, a narrativa do Evangelho segundo João é a “HORA”. Na primeira parte, desde o prólogo, como prelúdio da sinfonia que segue na narrativa, progride gradativamente o drama da “*hora de Jesus*”, ainda não chegada, por ocasião do diálogo com sua mãe que, na festa de casamento, constata a carência, a falta de vinho (Jo 2,4). A hora se completa no final do Evangelho, quando sua mãe está ao pé da cruz, com sua irmã, com Maria, a mulher de Cléofas, com Maria Madalena e o Discípulo Amado. Esta é a HORA suprema do Êxodo de Jesus que volta ao Pai. Nesta hora, Jesus diz à sua mãe: “*Mulher, eis o teu filho!*”. Depois, diz ao discípulo: “*Eis a tua mãe!*”. E, desde AQUELA HORA, o discípulo acolheu-a na sua casa (Jo 19,25-27). Esta “hora” como sua passagem – Páscoa - Êxodo – para o Pai, torna-se um

memorial de sua prática de servir no amor (Jo 13,1) e anunciar a vida (Jo 20,16-17).

O segundo fio, que vai se construindo como um programa pedagógico do Evangelho segundo João, são os SINAIS. No Êxodo, “Sinais e Prodígios” são a grande confirmação da presença de Deus Libertador no meio de seu povo. O princípio dos sinais tem como cenário as núpcias em Caná da Galiléia (Jo 2,1-11). O Sinal aponta para uma novidade profética fundamental: o esgotamento da Antiga Aliança e a inauguração de uma Nova Aliança. Seguem outros seis sinais de vida e libertação que contrastam com as evidências de morte. O último sinal, que culmina esse programa pedagógico de Jesus na narrativa joanina, dá-se na comunidade de Betânia (Jo 11,1 – 12, 11).

Além de culminar a primeira parte do Evangelho, este sinal é como que uma antecipação da segunda parte que inicia com o gesto simbólico e concreto do Lava-pés (Jo 13, 1ss). A páscoa de Jesus é passagem, entrega no amor até o fim: sinal maior e memorial permanente de sua Vida, Morte e Ressurreição.

A conclusão do Evangelho segundo João sintetiza seu objetivo como um programa de sinais: *Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome* (Jo 20,30-31)⁷.

Aproximação histórico-social do contexto das comunidades do Discípulo Amado com o contexto do Êxodo de ontem e hoje

Como no Êxodo, a comunidade do Discípulo Amado é formada por vários grupos de judeus, samaritanos e helenistas que, somente após o evento pascal e a partir dele, se sabe reunida e constituída como comunidade no seguimento de Jesus. Reconhece seu fundamento e sua origem na morte, paradoxalmente gloriosa, de Jesus (cf. Jo 11,52), como obra do Amor que se doa até as últimas consequências (cf. Jo 13,1). A lógica pascal, que caracteriza esta comunidade, a faz “acreditar no amor” e na “Palavra criadora de Deus”. Como filhas e filhos de Deus, gerados no Espírito (cf. 1Jo 3,2.10), reunidos e constituídos participantes do mistério do amor e da vida trinitária. Como Filho que entrega sua vida por amor, Jesus faz também a entrega do Espírito (Jo 19,30) e do Pai (20,17). A partir desta teologia da entrega, o núcleo identitário da comunidade, mais que cristocêntrico, é trinitário.

Esta comunidade de fé, assim constituída desde sua origem, embora expulsa da sinagoga judaica, mantém-se viva e dinamicamente ativa dentro do mundo, através da memória de Jesus, no Espírito/Paráclito. O estatuto comunitário que garante esta presença de Jesus, no tempo de sua ausência, é o amor mútuo. A prática do mandamento do amor mútuo torna-se critério de reconhecimento do discipulado de Jesus (cf. Jo 13,34-35; 15,8). O testamento-mandamento de Jesus é o AMOR, compreendido na dinâmica da Nova Aliança, como dom e

compromisso (Gabe e Aufgabe): “PERMANECEI NO MEU AMOR” (Jo 15,9). Jesus capacita suas discípulas e seus discípulos a viver o Amor como seu legado herança pascal⁸. Já não são servos, escravos, mas servidores livres, amigas e amigos: “já não vos chamo servos...mas eu vos chamo amigos” (Jo 15, 15).

A comunidade joanina passou da servidão cega à lei e à tradição farisaica (cf. Jo 9) para a alegria da liberdade de filhos e filhas de Deus. Este é um processo doloroso comparado à mulher em parto: “*Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança, ela já não se lembra dos sofrimentos pela alegria de ter vindo ao mundo um novo ser*” (Jo 16,21).

O confronto polêmico de Jesus com autoridades judaicas ilustra bem esta realidade do processo de libertação, como algo que vai além do simples crer em Jesus: “*Disse então Jesus aos judeus que nele haviam crido: ‘Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’. Responderam-lhe: ‘Somos a descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém. Como podes dizer: Tornar-vos-ei livres?’*” (Jo 8,31-33).

Como descendentes de Abraão, os judeus julgam-se livres de qualquer tipo de escravidão. Porém Jesus contesta sua falsa compreensão e abre-lhes uma nova possibilidade de libertação: “*Se, pois, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*” (Jo 8,36). Jesus responde aos judeus que a única fonte de libertação é o Filho de Deus encarnado na história e perpetuado através da permanência do Espírito da Verdade (cf. Jo 14,17; 15,26; 16,13). O Jesus joanino (cf. Jo 8,31-59) mostra que a libertação não é uma realidade acabada e adquirida como privilégio de herança. É muito mais um processo no qual acontece a integração entre o divino e o humano, entre a realidade histórica, aqui e agora, e a utopia caracterizada pela transcendência futura. Nisto consiste o novo Êxodo, a nova terra prometida.

Em síntese, as comunidades do Discípulo Amado compreendem-se como discípulas seguidoras de Jesus, que é “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6), em permanente êxodo, mas nele já “libertadas do mundo” (Jo 16,33). Não se trata de uma libertação abstrata, mas de uma liberdade enraizada na experiência histórica do Filho de Deus encarnado: “*Se permanecerdes em minha palavra, sereis na verdade meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8,31s).⁹

3. Um novo Êxodo: centramento da VRC em Jesus Cristo e no seu projeto

Na mesma trilha das primeiras comunidades seguidoras de Jesus, como foi a Comunidade do Discípulo Amado, estamos nós. E a voz do nosso pastor,

o Papa Francisco, dirigida em primeiro lugar às lideranças reunidas na Assembleia da UISG, maio de 2013, porém extensiva a toda a VRC, pro-voca e con-voca para um novo Êxodo: “A Vida Consagrada significa um êxodo de vós mesmas para centrar vossa existência em Cristo e em seu Evangelho”.

Para esta última parte de nossa reflexão, queremos contemplar uma pérola do Evangelho que vem ao encontro do título desta reflexão: a Comunidade de Betânia (João 11,1 – 12,11). A escolha deste ícone é motivada pelo fato de encontrarmos nesta cena uma situação muito semelhante ao que a VRC vive hoje e a irrupção do clamor de Marta e de Maria: “Se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11, 21. 32).

As protagonistas desta casa/comunidade de Betânia são Marta e Maria. Ainda que sejam apresentadas de modo muito diferente nos evangelhos segundo João e Lucas (Lc 10, 38-42), devido aos diferentes contextos das comunidades, podemos ler as narrativas conjuntamente. Encontraremos Marta como diaconisa e coordenadora da casa e Maria, mulher da escuta que, ao derramar o perfume da solidariedade, enche a casa inteira de amor, essência da vida pascal.

Na comunidade joanina, final do primeiro século, pairava no ar e nos corações das seguidoras e dos seguidores de Jesus uma dúvida de fé existencial. Não se trata só de entender se existe a vida depois da morte, mas da sobrevivência, do futuro da comunidade que, na figura de Lázaro, está morta. Depois de quatro dias, já cheira mal. Por isso, o relato introdutório descreve amplamente o cenário com perguntas sobre a doença, o adormecimento e, finalmente, a morte de Lázaro (Jo 11, 1-16).

Esta mesma dúvida podemos aplicar à Vida Religiosa Consagrada em muitas situações atuais: será que estamos dormindo? Ou doentes? Ou decretamos nossa morte e já começamos a deteriorar? Como podemos ressuscitar nossos carismas fundacionais e caminhar livremente, atendendo ao chamado de Jesus: “Vem para fora?” Este é o processo que deve acontecer no caminho, com o engajamento de todas as pessoas envolvidas.

Contemplando o ícone, descobrimos a liderança de duas mulheres da comunidade de Betânia, irmãs de Lázaro. Parece que percebem que o problema não é apenas a perda, ou a morte do irmão. A comunidade perdeu sua centralidade no seguimento de Jesus. A morte do irmão, da comunidade, é consequência da perda de Jesus. Marta e Maria deram-se conta desta perda da referência comum e razão de ser comunidade, por isso chamam Jesus de volta. Logo que encontram Jesus, fazem o mesmo lamento em forma exclamativa: “*Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido!*” (Jo 11, 21. 32).

Como porta-vozes, elas expressam o clamor da comunidade que se sente desorientada diante da crise de tantas mortes e atribuem isso à ausência de Jesus. Como acreditar na presença viva e atuante de Jesus no tempo de sua

ausência? Eis o desafio. Jesus o formula assim: „Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisso?” (Jo 11,25-26).

A resposta pronta e imediata de Marta tem como conteúdo a mesma fórmula de fé de Pedro, o líder da Igreja apostólica:

*„Sim Senhor, eu creio que tu és o Cristo,
o Filho de Deus que vem ao mundo”*(Jo 11,27).

Quando, porém, chega o momento de chamar Lázaro para fora do túmulo, Marta duvida novamente. Este fato mostra que a fé é um processo que deve ser traduzido na prática concreta do compromisso comunitário. Para que o irmão volte à vida, além da presença de Jesus e de sua Palavra, requer-se o empenho e o engajamento ativo da comunidade.

A palavra de Jesus que agradece ao Pai e chama Lázaro para fora é uma parte do sinal. A outra parte exige o engajamento da comunidade que deve se envolver na ação de „tirar a pedra”, desatar as faixas ou ataduras, para deixar Lázaro caminhar livremente.

No início do texto João 11,1-2, já se introduz uma cena que faz memória do gesto da unção de Jesus por Maria. A sua narrativa só será feita, porém, em João 12, 1-11. São cenas contrastantes e ou complementares que vão construindo a hora de Jesus. Por isso, em oposição ao mau cheiro, (no capítulo 11), encontramos o perfume derramado por Maria, que enche a casa inteira (Jo 12, 3). Da mesma forma, progredindo na leitura do Evangelho, encontraremos o Lavapés de Jesus como gesto de amor – poder – serviço (Jo 13, 1-18), em simetria com o gesto da mulher do perfume.

Aqui, no centro do evangelho (Jo 12, 1-11), a comunidade, refeita no amor, exala o bom perfume que enche toda casa. Prepara Jesus para sua hora¹⁰. Num gesto simbólico de extremo amor, Maria unge Jesus para a sua HORA suprema. A entrega de sua própria vida não é apenas mais um gesto simbólico, mas um ato de amor comprometido até às últimas consequências. Muito revolucionária, do ponto de vista ético, é também a atitude de Jesus permitir que uma mulher, Maria de Betânia, perfumasse seu corpo, unguendo-lhe os pés e enxugando-os com os cabelos (Jo 12,3).

A VRC é convidada a dar-se conta, pessoal e comunitariamente, das “pedras” e das “amarras” que nos impedem a sair das sepulturas e caminhar livremente. Convidada a perceber, como Marta e Maria, os espaços onde falta Jesus. Em outras palavras, onde devemos realizar o êxodo de nossos egoísmos e auto-suficiências para o centrar nossa vida e missão em Jesus Cristo e no seu Evangelho. Além disso, o desafio desse êxodo requer um olhar para fora de nós mesmas: onde deveríamos nos antecipar, indo às pressas para servir, para que

a vida não morra antes do tempo, para não perdermos a relação de irmandade? Precisamos não apenas descobrir, mas também admitir que em nossas relações pode haver o mau cheiro de morte que afasta e dispersa. E a mudança exige um processo de rompimento de frascos que contem ou retém o perfume da vida. Só então quando o bom perfume da vida, do amor encher novamente toda casa haverá aproximação, congregação da comunidade e centramento em Jesus. Este é o Êxodo do bom perfume de Jesus Cristo que no dizer de Paulo, através de nós, deve se espalhar pelo mundo inteiro: *de fato diante de Deus nós somos o bom perfume de Cristo entre todos*. (2Cor 2, 14-16). Enfim, na riqueza de imagens e símbolos deste ícone bíblico, a Vida Religiosa é convidada a renovar uma clara opção pelos pobres: Betânia, casa dos pobres!

A afirmação de Jesus: “pobres sempre tereis, mas a mim não” (Jo 12, 8) é uma confirmação da opção pelos pobres descrita e prescrita no Antigo Testamento (Dt 15, 7-11). Uma chave de leitura importante para a comunidade joanina é que o verdadeiro amor passa pela opção pelos pobres que foi a opção de Jesus: “*Se, possuindo os bens desse mundo, vê seu irmão em necessidade e lhe fecha as entranhas, como permaneceria nele o amor de Deus?*” (1 Jo 3,17)¹¹.

A proposta da comunidade joanina coincide com o convite feito à VRC pelo papa Francisco quando diz com insistência: Vivei e evocai sempre a centralidade de Cristo, a identidade evangélica da Vida Consagrada. Com Marta e Maria, aprendemos a discernir e chamar Jesus para aqueles espaços onde perdemos a irmandade, a fraternidade. Isto só é possível se renovarmos nossa profissão de fé no único Deus vivo e verdadeiro, adorando-o e servindo-o em nossos irmãos e irmãs.

“Um êxodo que nos leva por um caminho de adoração ao Senhor e de serviço a Ele nos irmãos e nas irmãs. Adorar e servir: duas atitudes que não se podem separar, devem caminhar sempre juntas. Adorar o Senhor e servir os outros, nada conservando para si mesmo: este é o «despojamento» de quem exerce a autoridade”.

Ao criar essa nova compreensão do Êxodo, como **centramento em Jesus e no seu Evangelho**, Papa Francisco exorta com muita sabedoria a Assembleia:

Ajudai as vossas comunidades a viver o «êxodo» de si num caminho de adoração e serviço, antes de tudo, através dos três fundamentos da vossa existência.

A obediência como escuta da vontade de Deus, na inspiração interior do Espírito Santo, autenticada pela Igreja, aceitando que a obediência passa através das mediações humanas.

A pobreza como superação de todos os egoísmos, na lógica do Evangelho que ensina a confiar na Providência de Deus.

A castidade como carisma precioso, que amplia a liberdade do dom a Deus e aos outros, com a ternura, a misericórdia e a proximidade de Cristo. A castidade pelo Reino dos Céus mostra como a afetividade tem o seu lugar na liberdade madura e se torna um sinal do mundo futuro, para fazer resplandecer sempre a primazia de Deus¹².

Os conselhos evangélicos, assim interpretados, são meios pedagógicos que renovam a qualidade da Vida Religiosa Consagrada, e ajudam a vivê-los na radicalidade do seguimento de Jesus.

Para continuar a reflexão

Não pretendemos concluir esta reflexão. Por sua própria natureza, o tema do Êxodo cria um espaço aberto que nos convida a contemplar o futuro, confiantes na promessa do Deus Conosco. Ele mesmo continuará caminhando conosco, até o Êxodo definitivo. O livro do Êxodo bíblico termina com a imagem da nuvem, símbolo da presença benfazeja de Deus que acompanha seu povo de etapa em etapa, de geração em geração, durante todo tempo de sua caminhada (cf. Ex 40, 34-38).

Um novo Êxodo para “centrar a vida em Jesus Cristo e no seu Evangelho” implica numa dinâmica exodal que precisa acontecer, antes de tudo, no silêncio e na abertura de coração de cada pessoa. Mas implica também numa corajosa e profética abertura para sair de estruturas que já não ajudam para uma caminhada na liberdade em vista da adoração e do serviço a Deus nos irmãos e nas irmãs.

Para concluir e continuar nossa reflexão, acolhemos o convite de reler a história pessoal e congregacional na dinâmica do Êxodo:

Que caminho Deus fez comigo/conosco e eu/nós com Deus?

Como vislumbramos os caminhos futuros da Vida Religiosa Consagrada e como desejamos continuar abertas às surpresas de Deus e a novos Êxodos?

Por fim, transcrevemos a letra de uma canção da autoria de Pe. Zezinho para ilustrar e selar esta reflexão sobre a caminhada com Deus nos inúmeros êxodos já acontecidos na história.

Até aqui, o Senhor nos conduziu.

E certamente, daqui pra frente,

Ele nos conduzirá.

Desde sempre nos amou,

Desde cedo nos chamou,

e certamente não nos abandonará.

Desde o começo, o Senhor estava lá.

*E certamente, daqui pra frente,
 Ele ainda estará.
 Houve dor e cruz até.
 Mas havia muita fé.
 Se precisarmos, Ele nos ajudará.
 Desde o começo, Ele nos deu esta missão.
 E certamente, daqui pra frente,
 Vai pedir ainda mais.
 Sua graça nos chamou.
 Seu amor nos enviou.
 Continuemos a buscar a sua paz!*

Continuemos nossa caminhada, com esperança, na certeza da fé que YHWH, Deus-Conosco, continuará nos acompanhando até o fim: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20b). Ele mesmo acompanhará nossos êxodos, no cotidiano, e caminhará conosco até o fim.

¹ Discurso do papa Francisco na Assembléia da UISG, 8 de maio de 2013.

² Lembramos o Projeto Palavra Vida, editado em 8 volumes como “Coleção Tua Palavra é Vida” (1988 – 2002).

³ OROFINO, F.; BOHN GASS, I.; NEUENFELD, E.; WEILER, L. **Exodo: Um caminho em busca da liberdade**. São Leopoldo. CEBI, 2012

⁴ PAPA FRANCISCO. Discurso proferido na Assembleia da UISG, 8 de maio de 2013.

⁵ Equipe Bíblica da CRB. *A formação do povo de Deus*. São Paulo: Publicações Loyola, CRB/1990, p. 48.

⁶ Obs. O Cordeiro a partir do aramaico, pode ser traduzido como “servo” *doulos*. Teríamos aqui o mesmo servo, escravo do Lava-pés (Jo 13,1ss) e do Dêutero Isaías.

⁷ OROFINO, F.; BOHN GASS, I.; NEUENFELD, E.;

WEILER, L. **Exodo: Um caminho em busca da liberdade**. São Leopoldo. CEBI, 2012, p. 45-46.

⁸ A *entolé* de Jesus gera a liberdade de viver o amor a partir do coração e supera o *nomos* legalista.

⁹ Idem p. 47-48.

¹⁰ *O sentido bíblico do perfume é muito forte desde os ritos de consagração aliança (cf. Exodo 30, 1-10. 22-38) até o que lemos em 2Cor 2, 14-16: “chamados a ser o perfume de Cristo, perfume de seu conhecimento que se expande por toda parte.” Podemos ser perfume de vida que conduz à vida como também odor de morte, que leva a morte”.*

¹¹ Cf. Horizonte inspirador da CLAR 2012-2015

¹² Discurso do Papa Francisco na Assembleia da UISG, 8 de maio de 2013

A REDUÇÃO, TEMPO DE GRAÇA PARA VIVER NA FÉ

Ir. Maria Isabel Ardanza Mendilibar, CCV

Irma Maria Isabel Ardanza Mendilibar é uma teóloga da Congregação das Carmelitas de Vedruna.

Original em Português

1. A redução, uma experiência existencial

Desde o tempo do Concílio, até hoje, tem ocorrido grandes mudanças no cenário social da vida religiosa (VR), especialmente nos países da Europa Ocidental e da América do Norte. É fácil constatar que a maioria de nossas Congregações está vivendo uma experiência forte de redução, tanto a nível pessoal como institucional.

Muitas Congregações experimentam a redução pela idade e pelo ciclo de vida correspondente. Esta experiência se intensifica institucionalmente com a falta de novas vocações, com a diminuição do número, com a dificuldade de responder aos desafios da missão do carisma, com o avanço da média de idade e o que isso implica: doença, diminuição das forças, inadequação entre as responsabilidades assumidas e a capacidade para levá-las adiante, dificuldade de receptividade e encontrar pessoas para as tarefas de liderança, a excessiva acumulação de atividades em algumas pessoas que acaba questionando o significado do trabalho e dificultando a vivência de outras dimensões essenciais da VR, como a vida de oração e a vida comunitária.

Vemos, portanto, que a redução não é apenas social, mas também uma experiência existencial, frequentemente associada ao medo, ao sofrimento, ao desespero... que antecipa a sensação de morte, faz vacilar a confiança na vida e, inclusive, a fé em Deus.

2. Olhares distintos sobre a realidade

Diante desta realidade, alguns de nós nos esforçamos em assumi-la, porque “é o que nos cabe”, embora doa, porém não é de estranhar que provoque também desorientação e reações de negação e fuga, ou que desenvolvamos

atitudes voluntaristas e promissoras com as quais tendemos a controlar a situação.

Para muitos, embora isso não se confesse claramente, o que estamos vivendo é uma desgraça. Sentimos saudade de um passado não muito distante, em que tudo era diferente, em que a VR aparecia florescente, com resposta vigorosa nos diferentes campos da missão e com alto reconhecimento eclesial e social.

Este sentimento primário é compreensível, porque o ser humano, instintivamente, tende a situar Deus junto às experiências de plenitude, de harmonia, de abundância, de força e de vida, enquanto inclina-se a assegurar-se de sua ausência em situações de declínio, de redução e de sofrimento^[1]. No entanto, a antropologia bíblica e a espiritualidade cristã salientam a importância das experiências do sofrimento na maturação da fé^[2]. Desta perspectiva, é possível ler a circunstância atual como um *Kairós*, um tempo privilegiado para perceber a ação criadora e salvadora de Deus na história e para viver mais radicalmente o seguimento de Jesus. Porém, isso não significa que seja fácil e seu fruto espiritual seja evidente. Trata-se de uma experiência de fé que só se compreende mais tarde, a partir de um olhar retrospectivo que percebe que o que nos coube viver foi um grande dom.

Através desta breve reflexão, gostaria de contribuir para uma vivência teológica de nosso tempo e ajudar a uma mudança de olhar e de posicionamento, que nos permite viver nossa realidade como uma experiência de graça.

3. Algumas chaves que nos ajudam a viver na fé no contexto atual

A redução é uma realidade que se impõe, mas é possível vivê-la de maneiras distintas: com uma sensação de fracasso, com desilusão e desesperança que paralisa; desde a ingenuidade ao voluntarismo, que nos leva a continuar projetando como se nada estivesse acontecendo; ou de inibição e fuga que conduz ao “salve-se quem puder”... Mas, também, cabe acolher a realidade como um *lugar teológico* onde o Senhor nos espera, na chama e nos confia a missão, com uma novidade que nunca haveríamos imaginado.

Esta última vivência, porém, é um dom do Espírito o qual nós só podemos pedir e nos dispor a acolhê-lo. Mencionarei duas chaves neste sentido que podem nos ajudar hoje: a relação com o Senhor e o sentido teológico da missão.

3.1. Cultivar a relação pessoal com o Senhor

A experiência pessoal de redução é um grande desafio para o processo espiritual, mas, se o pessoal se situa num contexto de redução institucional, o desafio alcança dimensões imprevisíveis que questionam fortemente o sentido

em todos os níveis.

O princípio de toda maturidade humana e espiritual é a capacidade de assumir a realidade como ela é, a qual, com frequência, não é fácil. Já dizia Guardini ^[3] que as realidades que instintivamente percebemos de crescimento e fecundidade podem ser vividas com sentido em si mesmas, porém a vida em declínio não pode basear-se sobre si mesma, mas deve receber um sentido a partir de outra realidade fundante. A pergunta que nos colocamos é o que pode nos sustentar hoje? Em que apoiar a nossa confiança?

Sabemos que a confiança, a partir da experiência humana, baseia-se na realção interpessoal e no amor. Só confiamos em quem conhecemos e só confiamos em quem sabemos que nos quer bem.

Isto também vale para a relação com Deus, mas num sentido absoluto, uma vez que apenas n'Ele podemos confiar absolutamente. Esta confiança baseia-se no ato de fé: "Creio no teu amor, creio em ti. E por isso confio em ti mais que em mim mesmo. A ti entrego a minha vida e sigo confiando mesmo que se faça noite, pois sei, por experiência, de tua lealdade e de teu amor."

A vida teológica implica uma relação afetiva com o Senhor, que inclui, por natureza, a oração pessoal, mas não se reduz a ela; consiste em viver tudo com Ele através da fé, da esperança e do amor, de modo que seja o TU pessoal que ocupe o nosso coração. Esta relação, porém, não se improvisa. É necessário cultivá-la explicitamente e cuidar dela durante toda a vida.

Tal como nos mostra o Evangelho no caso dos discípulos, e principalmente na experiência de Pedro e de Maria Madalena (*João* 20 e 21), quando chega a contradição, o sofrimento, a noite, só uma relação de amor pessoal pode nos sustentar e ir além da razão ou do que podemos controlar, porque, como diz Balthasar "só o amor é digno de fé" ^[4].

Tudo isso é uma constante na espiritualidade cristã, porém creio que, nestes momentos, adquire uma relevância especial. Não é possível viver como uma graça a experiência de redução que normalmente traz consigo o avançar da idade, e que é o que caracteriza hoje o momento vital da maioria dos religiosos e das religiosas, se as pessoas não se estão fundamentando numa vida teológica. E, sem esta experiência pessoal, também não há um serviço de liderança e de acompanhamento aos irmãos e irmãs que conte com a sabedoria espiritual necessária para poder discernir os caminhos do Senhor na atual situação da VR que, muito previsivelmente, vai se agravar nos próximos anos.

Muitas vezes, ao planejarmos os programas de formação, damos por suposta a questão da fé e nos detemos em aspectos que consideramos mais específicos da VR. Como não pressupor a fé nos que têm consagrado a sua vida a Deus? No entanto, a fé é a experiência fundante que sustenta a VR e é a fonte permanente de sua revitalização, por isso nunca deveríamos considerá-la como

suposta. Nossa vocação mais profunda, nosso desafio e o de todos/as os/as cristãos/ãs, é o de nos voltarmos, permanentemente, ao Senhor Jesus, para ser cada vez mais cristãos/ãs. Porque, como foi dito no quarto Evangelho, o pecado radical que está sempre à espreita, antes e agora, em todas as formas de vida cristã, incluindo a da VR, é o pecado da incredulidade.

A relação com o Senhor é a pérola preciosa que, hoje, devemos cuidar, de maneira especial, já que nosso contexto e as nuvens escuras que percebemos no horizonte só podem ser vividos com sentido, e com sentido de missão, a partir da experiência fundante de uma história pessoal de relação afetiva com o Senhor.

3.2. Aprofundar o sentido teológico da missão

A missão é um elemento teológico de grande importância na vida cristã. Para a VR Apostólica constitui-se o eixo central em torno do qual giram o resto dos elementos que compõem a vida consagrada: oração, vida comunitária, organização institucional, preparação profissional...

A palavra *missão* significa *envio*, mas, frequentemente, enfatizamos nossa resposta ao envio e não tanto o envio em si mesmo. Parece uma diferença sutil, porém pode ser determinante no processo espiritual de maturação teológica da missão.

Se colocamos a ênfase na nossa resposta a Deus, podemos definir a missão como um conjunto de atividades que desenvolvemos em favor dos outros seguindo o “carisma congregacional”, ou seja, aqueles “campos de missão”, que a Igreja confia a cada Congregação. E, a partir daí, identificamos a missão com a realização de “atividades apostólicas”.

Agora, pela lei da vida, à medida que vamos avançando em idade, vamos diminuindo a atividade. E, a partir desta perspectiva da resposta à missão, sentimos que a “missão” vai se reduzindo em nossa vida pessoal. Ficam para nós algumas atividades de voluntariado, cada vez mais escassas, ou a possibilidade de colaborar na “missão” que os/as mais jovens vão realizando, através de pequenas contribuições pessoais que facilitam o trabalho deles/as, e, finalmente, acompanhá-los/as com a oração, a fim de que possamos viver com “sentido de missão”, mesmo quando, fisicamente, já não estamos na “missão”.

Acredito que esta compreensão do que é e significa a missão é muito limitada. É muito difícil que deste ponto de vista se possa vivenciar como missão as experiências existenciais de redução que acompanham as últimas fases da vida e, em particular, a situação atual de nossas Congregações. É necessário aprofundar a dimensão teológica, a fim de que o sentido da missão vá crescendo e plenifique o ser com o passar dos anos, até o momento do fim definitivo. E, para isso, precisamos fixar nossos olhos em Jesus (cf. *Hb* 12,2),

pois é o Senhor o modelo de toda missão consumada.

Os Evangelhos mostram Jesus sempre unido à vontade do Pai, por identificação de amor com Ele. Sua obediência é uma resposta de amor ao amor por ele que se sabe amado por Ele e uma expressão suprema da liberdade espiritual. O desejo mais profundo que brota de sua liberdade é realizar, a cada momento, o que o seu Abbá quer dele.

Jesus entende a si mesmo como enviado pelo Pai e vive sua vida inteira como missão, dependente de seu querer, de modo que este “estar em obediência” constitui-se a sua identidade mais profunda: *o meu alimento é fazer a vontade daquele me enviou e realizar a sua obra (Jo 4,34)*.

Jesus nunca traduz a vontade do Pai num projeto próprio, mas vive à escuta do que Ele deseja. É por isso que, nos primeiros anos de sua vida pública, viveu sua missão realizando as obras messiânicas de curar, ensinar, sarar, acolher, perdoar, alimentar os pobres... por toda a Galiléia, porque a vontade do Pai foi implantar o Reino, através de sua pessoa e de sua atividade. Mas, como Israel não acolheu o Reino como ele o ofereceu, em obediência ao Pai, Jesus teve que suportar a rejeição, o sofrimento, a paixão e a morte. Nesta fase final, não faz nada, apenas deixa-se conduzir *como um cordeiro levado ao matadouro (Is 53,7)* e abandona nas mãos de Abbá a realização de sua missão messiânica, na certeza de que é Ele quem leva adiante o Reino, tanto pela ação de Jesus como pela sua paixão que, paradoxalmente, será o ponto culminante de sua missão.

Se Jesus tivesse identificado sua missão com um projeto - implantar o Reino pela realização das obras messiânicas – teria terminado num fracasso retumbante. Porém sua missão consiste em obediência ao Pai, a sua paixão e morte são a expressão culminante de sua obediência filial e, por ela, a realização plena de sua missão. Finalmente, através de Jesus, o Pai pôde levar até o final a sua obra de salvação e a Ressurreição será a revelação do Reino em sua plenitude.

Jesus viveu sempre identificado com a vontade do Pai e na disponibilidade absoluta a Ele, mas não acontece o mesmo com os seus discípulos. Conosco há um longo processo de maturação e de conversão, não sem conflitos, até que a obediência a Deus possa ser uma resposta de amor que nasça da liberdade.

Normalmente, nas fases iniciais da vida adulta, ‘missão’ é feita um pouco à “nossa medida”, com um componente narcisista importante. A experiência nos diz que, por muitos anos, confundimos a missão com nossos planos e projectos embora podemos justificá-los como a vontade de Deus e pensamos que a realizamos. Na realização da missão vamos projetando nossas próprias expectativas com uma grande dose de “apropriação”. Inclusive em projetos bem justificados, há muito de desejo de auto-realização e de projecção pessoal.

Percebe-se que vamos “tirando proveito” através da nossa dedicação, ainda que de forma muito sutil; doamo-nos “generosamente”, porém quando a realidade não corresponde às nossas expectativas, ou os resultados não são o que esperávamos, nos sentimos frustrados/as e entramos em crise. É normal que nas fases iniciais da vida espiritual a missão como projeto tenha um grande valor, um grande peso, o problema é quando fica estagnado nesta fase por toda a vida.

Experimentamos, talvez, durante muito tempo, o conflito entre os nossos interesses e a vontade de Deus, já que a sua integração supões um longo processo. Nossa liberdade precisa amadurecer através da relação pessoal com o Senhor e da experiência do seu amor e de sua misericórdia. Isto fará com que a obediência a Deus seja uma “obediência de amor”, que nasce do mais profundo de nosso coração.

Mas, a conversão que isso supõe requer uma transformação pessoal e esta acontece, muitas vezes, através de situações e experiências imprevisíveis que se nos impõem. Assim, por exemplo, a experiência existencial de redução nos deixa sem projetos, mas, por outro lado, nos “obriga” a aprofundar, existencialmente, o sentido teológico da missão.

A vida cristã sempre tem como horizonte último a obediência à vontade do Pai, mas normalmente, precisamos discernir o que Deus quer, porque ela não é evidente. No entanto, há momentos em que a realidade se impõe e a vontade de Deus é clara. Então só nos resta acolher na fé e realizar o que nos é pedido. Já não se trata de fazer, mas de deixar que se faça através de nós.

Desta forma, vamos aprendendo que a missão não se mede pelo que fazemos, embora seja muito “evangélico”, mas pela obediência de amor à vontade do Pai. Por muito boa e importante que seja uma tarefa, se não for a que o Senhor quer neste momento não é a minha missão. A missão consiste em que Deus possa fazer o que Ele quer em mim e através de mim, a partir de um sim livre à sua vontade. Por esta razão, em seu momento culminante fica reduzida ao ato de fé, ao Amém à sua vontade, como Jesus na Cruz. Portanto, fé, obediência e missão formam uma unidade indissolúvel.

Quando na vida de uma pessoa ou de uma instituição cristã, chega a experiência de redução, a obediência à vontade de Deus adquire a forma própria do *consentimento*: exercício supremo de amor e liberdade cristã, que consiste em dizer sim, livremente, àquilo que se nos impõe, porque o recebemos d’Aquele que sabemos que nos ama e somente deseja o nosso bem.

Algumas palavras de Jesus a Pedro no Evangelho de João são brilhantes para viver com um sentido de missão este nosso momento: *quando você era mais moço, você ia para onde queria, quando ficar mais velho estenderá as mãos, e outro colocará o cinto em você e o levará para onde você não quer ir*” (Jo 21.18). E Jesus acrescenta: *você, siga-me*. É interessante notar que esta é a

primeira vez que aparece nos Evangelhos este chamado pessoal ao seguimento de forma imperativa: *você, siga-me*. E é aqui que, segundo Jesus, está retratado o tempo da verdadeira missão. Agora que ele, o discípulo, não pode fazer mais nada, senão estender os braços e deixar-se conduzir, culmina a sua missão. É o tempo da configuração com Jesus em sua Páscoa, a da cristificação.

Só Deus sabe o que realmente nosso mundo hoje precisa, e Ele realiza o que se faz necessário através daqueles que, livremente e com confiança, se colocam numa atitude de escuta e de obediência amorosa à sua vontade. Além disso, a consciência de estar realizando uma missão, ao acolher e viver, teologicamente, este momento traz um sentido novo que muda substancialmente a maneira de vivê-lo. Ajuda, também, a lidar com as decisões que precisam ser tomadas ou que nos são impostas pela realidade, mesmo quando tudo parece obscuro e transcorre na “noite da fé”.

4. A experiência de redução, um *lugar teológico* para a nossa VR

O contexto atual não é uma dificuldade para que vivamos o seguimento de Jesus e nossa missão hoje, mas, ao contrário, é um *lugar teológico* onde o Senhor nos espera, nos chama e nos envia; não apesar da redução, mas precisamente por causa dela.

Ainda não percebemos toda a graça que inclui este tempo de redução, de declínio, porém podemos intuir já alguns de seus frutos:

A fé tem fundamentado a VR em toda a sua história, mas é evidente que hoje precisamos apegar-nos a ela com força. A situação que estamos vivendo nos está “forçando”, não apenas a “ter fé”, mas a “viver da fé” e isto é uma graça imensa.

Quantos textos da Sagrada Escritura, passam a ter um sentido novo e transformam-se em rochas sobre as quais podemos apoiar a nossa existência com segurança e realismo!

Não abandone a obra de suas mãos. (Sal 138,8)

Eu sou pobre e infeliz, mas o senhor cuida de mim (Sal 40,18)

Você é o meu pastor. Embora eu ande por vales escuros nada temo porque você vai comigo. Seu bastão e seu cajado me sustentam (Sal 23,4)

Eu, o Senhor, o digo e o faço (Ez 37,14)

A você basta a minha graça! A força se manifesta na fragilidade. (2 Cor 12,9)

Este tempo de graça nos está “obrigando” também a radicalizar o sentido de missão, a ir além de nossos planos e projetos, exigindo que aprofundemos o

seu sentido pascal.

O que o Senhor quer hoje de nossa VR? Em princípio, não o sabemos. Pois não se trata de partir de nossas ideias e desejos e depois projetar como seria de acordo com a vontade Deus. Nossa missão hoje não se define só pela realidade de mundo à qual somos enviados/as, mas também pela nossa realidade. Ela não se destina apenas àqueles/as que ainda podem continuar trabalhando, mas a todos/as e a cada um e a cada uma em sua situação concreta. Por isso, devemos considerar a soberania e a iniciativa sempre da parte do Senhor e nos colocarmos numa atitude de escuta. E, para isso, precisamos abraçar cordialmente nossa situação atual como um *lugar teológico*, a partir do qual o Senhor nos chama e nos envia hoje. Só assim poderemos ser “instrumentos úteis” em suas mãos, para que Ele possa fazer de nós o que deseja e o que sabe que é preciso ser feito para o nosso mundo.

Há algum tempo prevalecia em nossa sociedade um grande otimismo; todos acreditavam na possibilidade de um progresso ilimitado. Mas hoje o nosso mundo está imerso no meio da noite. É necessário ajudar a superar as situações de depressão, que estão se espalhando e incutir uma confiança que ajude a encontrar o sentido na obscuridade. São necessárias testemunhas de Deus que tenham experiência de viver de fé viva em meio à redução.

É possível, portanto, que Deus, que no século XIX suscitou tantas Congregações para responder às necessidades sociais daquele tempo, “precise” de nós, neste contexto atual, de nós, mulheres e homens, frágeis e idosos, em sua maioria, que reunidos/as em nome dele abracemos, com confiança, a realidade que nos cabe viver, empenhando-se em criar laços de solidariedade, de amor fraterno dentro e fora de nossas comunidades.

Talvez o nosso mundo precise ver isto e é possível que o Senhor queira servir-se de nós e de nossa situação atual. Porém, é necessário que as nossas instituições se empenhem ao máximo em cuidar da vida teológica de seus membros.

[1] “As experiências do sofrimento inocente e injusto constituem um argumento existencialmente muito mais forte contra a crença em Deus que todos os argumentos baseados... em qualquer tipo de raciocínio filosófico”. W Kasper, *o Deus de Jesus Cristo*, Salamanca, Sígueme, 1985, 188.

[2] “O Sofrimento... se tornaria um dos lugares teológicos da verdadeira religião, negando... apenas algumas das falsas imagens de Deus e se, por outro lado, a

rocha sobre a qual construir a imagem da verdadeira face de Deus...”. J. r. Busto Saiz, *O sofrimento seria rocha do ateísmo ou âmbito da revelação divina?* Madrid, UPC, 1998, 47.

[3] R. Guardini, *A aceitação de si mesmo. As idades da vida*. Madrid, Ed Guadarrama., 1962, 126

[4] U. H. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, tradução da. CORDOVILLA, Siiga-me, Salamanca 2004.

ATTITUDES PARA VIVER MUDANDO “PÔR-SE A CAMINHO!” (LC 10)

Ir. Josune Arregui, CCV

Irmã Josune tem sido, nos últimos anos, Secretária Executiva da UISG.

Este artigo foi publicado na revista Testemunho (Chile) n°. 256 - Ano 2013

Original em Espanhol

O Concílio Vaticano II não foi apenas um chamado ao *aggiornamento* ou a uma atualização de um determinado momento histórico, mas colocou a própria vida religiosa numa atitude de mudança permanente. Nós diríamos que ele promoveu uma renovação que ainda não concluída e, apesar de incompleta, nos fez descobrir que viver mudando é uma exigência de fidelidade ao nosso estilo de vida.

Em nível de espiritualidade, passamos da *imitação* de Cristo ao *seguimento* de Jesus, conceito muito mais dinâmico e evangélico. Seguir é *ir atrás*, neste caso do Senhor Jesus, sem saber muito bem aonde este seguimento pode nos levar.

Quando Jesus fez seu primeiro anúncio da paixão, Pedro, colocou a mão sobre o seu ombro, tomou-o à parte e começou a repreendê-lo e a desanimá-lo, mas Jesus, voltando-se para que todos o ouvissem, disse-lhe: “*Vai para trás pois me fazes tropeçar!*” (Mc 8,33). Atrás, este é o lugar do discípulo. Atrás de um rabino itinerante que percorria os povoados de Israel e que naquele momento estava indo para Jerusalém.

O seguimento de Jesus se traduz em movimento e mudança incessantes. Manter-se neste processo de itinerância, criativo e inovador é compromisso de todos/as religiosos/as em todos os tempos e requer algumas atitudes que passarei a comentar.eb:

1. Enfrentar a vida como um processo

É uma atitude existencial que aflora, espontaneamente, nos primeiros anos de vida em que nos sentimos inacabados. Não obstante, passada a fase da juventude e um tempo prudencial de buscas e de tentativas, vai surgindo uma outra tendência - natural também – a de acomodarmo-nos, seja porque já nos sentimos bem como estamos, seja porque não esperamos conseguir mais nada ou porque nos falta a energia para continuar buscando e lutando.

A atitude de caminhantes, por sua vez, nos leva a dar constantemente “*o pequeno passo seguinte*”, seja como indivíduos ou como uma comunidade, porque não nos consideramos sob nenhum aspecto em “estado de perfeição”, porque acreditamos que um outro mundo, outra pessoa, outra vida religiosa é possível e porque cremos que é o Senhor Jesus quem conduz a história.

Esta atitude só se mantém viva quando se tem uma meta estimulante, pois é a meta que nos faz caminhar. Àquele que nada espera, nada busca, não tem sonhos, falta a visão e a energia para superar as dificuldades, para avançar e, conseqüentemente, senta-se à beira do caminho para lamentar-se e mendigar ou para defender e desfrutar do que já adquiriu.

É verdade que não bastam os sonhos e que é necessário planejar os passos a serem dados nesse caminho. Os projetos tanto pessoais como comunitários são muito eficazes se, com base na realidade, conseguem propor a cada ano, um pequeno passo em direção à meta estabelecida. E, em nosso caso, só faz isso, a comunidade que se reúne em torno de Jesus e é impulsionada por seu envio que a convida a ser sua presença no mundo.

Porém, se o ambiente pós-moderno nos invade, apagam-se as utopias e se obscurecem os sonhos e então puxamos a cortina e nos apegamos ao que temos conseguido para desfrutar e conservar as pequenas satisfações do momento presente. Creio que é como abandonar a vida religiosa, mesmo permanecendo dentro de seus muros. Estas saídas não constam nas estatísticas, mas desgastam fortemente as comunidades.

Por outro lado, quando fazemos memória de nossas origens carismáticas, surpreende-nos a audácia do Espírito através de nossos fundadores e fundadoras, que foram capazes de dar saltos qualitativos na sociedade e na Igreja de sua época. E, à medida que adentravam-se na realidade, era a chama carismática que os impulsionava e lhes ia sugerindo respostas novas à dor da humanidade e da situação social que os cercava.

Hoje, também, destes mesmos Carismas, se se os mantêm vivos, continuará surgindo respostas novas aos apelos de hoje que, com certeza, não são as mesmas de ontem. Não se trata de sermos imitadores/as, ou cópias dos primeiros irmãos ou irmãs, mas de sermos continuadores/as de um Carisma vivo que é um

dom para a Igreja. O Concílio nos tem exortado a voltar nosso olhar para as origens e beber nas fontes não para retroceder no tempo, mas para avançar em direção ao futuro.

Os processos de reestruturação ou de convergência em que muitas congregações estão envolvidas neste tempo, podem ser simplesmente uma reorganização sensata e equilibrada de forças ou o suscitar de um novo impulso de transformação carismática. Algumas pretendem simplificar os organogramas, outras procuram também sacudir o “adormecimento” e renovar a utopia dos/as consagrados/as.

2. Fidelidade Itinerante

Na vida religiosa pré-conciliar a fidelidade tinha muito a ver com a manutenção das tradições e a repetição dos costumes. A observância era uma virtude de primeira ordem nos noviciados e persistir, ao longo da vida, com as lições aprendidas era considerado fidelidade. E então, ano após ano, o vinho novo da paixão por Jesus num carisma de natureza renovadora foi ficando aprisionado em odres incapazes de mantê-lo.

Hoje em dia, também, no desejo de manter o essencial e procurar, talvez inconscientemente, certa segurança, podemos repetir formas que eram válidas em outros tempos e vamos nos tornando cada vez menos fiéis e menos compreendidas pela sociedade atual.

A fidelidade consiste em manter os “olhos fixos em Jesus”, e isto, como dizíamos, nos torna itinerantes. Às vezes a proximidade a quem seguimos pode até mesmo impedir que vejamos o horizonte e nos despoja da singularidade de nossa própria condução. “Não sabemos para onde nos conduz, disse Edith Stein, sabemos apenas que Ele nos conduz.” Somente o fascínio por Jesus pode nos manter nesta dinâmica e deixar que Ele tome as rédeas.

A fidelidade itinerante é algo mais que a disponibilidade às mudanças de lugar. Nem se trata de viver improvisando, mas implica em aprendizagem, em formação permanente e, conseqüentemente, mudança de mentalidade, de esquemas, conversão. Itinerância é também adaptar-se aos novos estilos de vida, permanecendo na mesma casa ou abrindo-se para novas formas de missão. “Renovem-se em espírito e mentalidade; revistam-se da nova humanidade, criada segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade.” (Ef 4,23).

3. Ser memória de Jesus

A vida religiosa pós-conciliar descobriu, assim como a Igreja, que sua razão de existir é ser para os outros e não para si mesma. O seguimento de Jesus implica o mesmo projeto que perpassou toda a sua vida e que não era outro senão o Reino de Deus.

De acordo com o Concílio, nesta missão de todo/a cristão/ã, a vida religiosa na Igreja, é preferencialmente um carisma de significado. Embora muitas vezes nós, os/as religiosos/as, nos tenhamos identificado pela ação caridosa que desempenhamos, nossa missão primeira e específica é a de ser sinal, de ser memória de Jesus.

“A contribuição *específica* que os/as consagrados/as oferecem à evangelização é principalmente o testemunho de uma vida totalmente dedicada a Deus e aos/às irmãos/ãs... para tornar-se, de certo modo, uma prolongação de sua humanidade” (VC 76).

Assim, podemos simplificar a missão de ser sinal que se nos propõe: Jesus Ressuscitado está vivo e presente em nosso mundo hoje, mas não é visto. A Igreja nos confia a missão de ser ponte, de dar visibilidade com o nosso estilo de vida em comunidade e pelos votos, para que as pessoas se sintam atraídas para o Reino. E isso precisa ser feito “com a linguagem eloquente de uma existência transfigurada capaz de surpreender o mundo (20 CV).

Este sinal tem uma dupla função na Igreja: fornecer o fermento da radicalidade evangélica, com estilo de vida alternativo - e às vezes contra cultural - e renovar a Igreja com ousadia e criatividade. Ao longo da história, creio que, em geral, podemos humildemente dizer que, a Vida Religiosa tem dado testemunho, tem se renovado e foi significativa. Hoje, podemos dizer o mesmo? Cuidamos disso em nossos discernimentos atuais?

A vida religiosa no período pós-conciliar, à medida que foi revigorando a sua identidade evangelizadora e obedecendo à orientação conciliar de conhecer a realidade do mundo para melhor evangelizar em resposta às aspirações dele (PC 2), foi dando-se conta da inadequação de muitas das suas formas e estilos de vida. A verdade é que falávamos uma língua que as pessoas não entendiam e, o que nos pediam era que fôssemos sinais, porém não sinais hieroglíficos incompreensíveis.

E então fomos nos despojando de roupagens obsoletas e aprendendo novas linguagens de comunicação e de presença. Passamos da identificação pelo hábito, pelas estruturas ou tarefas (uma identidade de *fora para dentro* através da qual as pessoas nos distinguiam) à identificação pelo nosso estilo de vida evangélico específico (uma identidade *de dentro para fora*, mais difusa se você quiser e, por sua vez, mais forte e persuasiva). Não basta mudar se não chegarmos a ser significativos/as.

Precisamos ter a consciência clara de que nossa missão específica é a de *ser a memória de Jesus*, mesmo que dediquemos nossas energias a outras tarefas excelentes que objetivem à construção do seu reino. Se consideramos que o testemunho do anúncio do Evangelho é a nossa missão primordial, procuraremos aprender a língua do povo que nos cerca, conhecer as suas buscas

e escutar as suas histórias de vida para expressar de maneira compreensível a beleza da boa notícia que trazemos dentro de nós e que temos entendido. Assim virá a proximidade, o diálogo e o serviço, mas nosso estilo de vida, pessoal e comunitário, deve ser sempre a primeira mensagem, algo como as manchetes das notícias que convidam a dar continuidade à leitura ou a passar adiante, ignorando-as.

4. Olhar positivo o mundo

A vida religiosa, definida e projetada como *fuga mundi*, nos colocava numa atitude defensiva diante de um mundo perverso e cheio de ameaças. O Papa João nos alertou contra os profetas de calamidades “que não vêm nos tempos modernos senão prevaricação e ruína”, e a nos aproximar com um olhar, mais penetrante e misericordioso, “as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo de hoje”. Advertia-nos a não sermos ingênuos/as - “simples como as pombas e astutos/as como as serpentes”, diz o Evangelho - mas a discernir os sinais dos tempos e não fazer julgamentos generalizados. “Nosso mundo é cheio de contradições e desafios, mas continua sendo criação de Deus”, recorda-nos cinquenta anos mais tarde a mensagem do último Sínodo. Este olhar positivo, quando se nutre da espiritualidade da encarnação, torna-se em olhar contemplativo. “Existem todos os tipos de flores ao redor, para aqueles que se preocupam em olhar,” disse o pintor Matisse.

Com frequência, apenas num segundo momento descobrimos que o Reino de Deus está próximo. É necessário fé para romper a dura casca da realidade, descobrir o germe da vida que nela se escondida e nos deixar contagiar por essa graça. Pergunto-me que leitura do mundo de hoje, nós, religiosos/as estamos fazendo. A que se deve tanto pessimismo e desânimo?

As cristologias pós-conciliares e a experiência de inserção na realidade nos têm ensinado a ter um olhar benevolente e agradecido. Não é um olhar triunfante e glorioso, mas humilde que ultrapassa o duro realismo, porque experienciou a força de Deus. É o que diz Paulo: “somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não vencidos por nenhum obstáculo; somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Sem cessar e por toda a parte levamos em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Embora estamos vivos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.” (2 Coríntios 4,7-11).

5. Abertura e diálogo com o diferente

O passo que segue a um olhar positivo é a aproximação e o diálogo com o mundo, com o outro diferente, com as diferentes religiões, com os pecadores,

com os inimigos... A espiritualidade da encarnação levou a Vida Religiosa a ser como o fermento na massa, à chamada inserção evangelizadora, preferencialmente entre os pobres. Este tem sido o lugar em que tantas comunidades, principalmente religiosas, inseridas em áreas de periferia ou em diversos projetos multirreligiosos ou interculturais, foram aprendendo a discernir o seu próprio significado. A velocidade em que o mundo muda, a criatividade e a simplicidade com que os pobres estão procurando solução para seus problemas, tem posto os religiosos/as num processo de aprendizagem constante de novas formas de viver e de ser presença.

A inserção, com certeza, é uma arma de duas pontas, por ela pode se infiltrar em nossas vidas as tendências secularizadoras e podemos nos tornar sal insípido, mas falamos de inserção *evangelizadora* que nasce do envio de Jesus e que é acompanhada pelo discernimento de maneira a mantermos as lâmpadas acesas na hora de tomar decisões. A inserção tem os seus riscos (a *fuga mundi* também os tinha), porém, “se fecharmos as portas para evitar o erro, ficamos sem conhecer a verdade”.

A atitude de diálogo requer o acreditar e o confiar uns nos outros e a humildade de se deixar ensinar pelos pobres, pelas crianças, pelas outras religiões, porque ninguém está totalmente errado e através do diálogo sempre há um intercâmbio de dons. “A presença dos pobres em nossas comunidades é misteriosamente poderosa: muda as pessoas mais que um discurso, ensina a fidelidade, ajuda a compreender a fragilidade da vida, exige oração; enfim, conduz a Cristo”.

6. O risco de experimentar

Olhar com bondade, dialogar com o diferente são passos prévios e necessários, mas o que realmente muda na vida não são as ideias nem a formação (embora seja imprescindível), mas as experiências. Ninguém se alegra saboreando o *conceito* de vinho; é necessário beber, degustar, experimentar.

As mudanças precisam ser experienciadas e o assumir uma situação nova e incerta sempre supõe o risco. O risco tem a sua parte atraente e sugestiva, mas implica também algum medo que deve ser superado. Medo do desconhecido, do fracasso, do “desmadre”, de perder o controle (no caso das pessoas em exercício de autoridade). Para algumas pessoas não é fácil assumir esta margem de incerteza e, por isso preferem a segurança do conhecido, do que tem sido bom até o presente. A mensagem do último Sínodo afirma: “É nosso dever vencer o medo com a fé, o cansaço com a esperança, a indiferença com o amor” (5).

Não falamos sobre experiências desconexas, mas daqueles que têm um horizonte. No período pós-conciliar, foi no campo da formação inicial onde primeiro se tornou evidente a necessidade de mudanças e começaram as chamadas

experiências, algumas um tanto passageiras, mas outras que foram abrindo caminhos novos como comunidades de formação em bairros populares, as experiências apostólicas em outros continentes, os projectos de vida e de missão intercongregacionais, etc.

Passados alguns anos, alguns começaram a dizer: “Acabou o tempo das experiências!”, querendo novamente regulamentar e paralisar a vida. É verdade que certas estruturas que nos unifiquem sempre são necessárias na vida, à vida em comunidade, porém como apoio à provisão do carisma, que é chamado a se expandir no desenrolar da história e nos novos cenários. A experiência, acompanhada de uma humilde avaliação à luz da Palavra de Deus, é que nos ensinará a viver de forma renovada.

Conclusão

7. *Viver acreditando, viver mudando*

Em cada uma das atitudes de mudança descritas fizemos alusão à fé em Jesus, já que a Vida Religiosa não pode ser entendida e nem vivida sem ela, porém gostaria de concluir focando a fé em si mesmo, não como uma atitude, mas como o motor desse processo impar de maturidade e plenitude que Deus delineou para cada um/a de nós e nossos grupos.

Crentes e caminantes diria que são uma coisa só, como nos ensina Abraão, nosso pai na fé. Viver acreditando é viver mudando. Nós somos a argila e o Senhor é o Oleiro e não temos nenhuma ideia de que tipo de vaso será modelado com a argila que somos.

A renovação dos votos tem sido sempre uma tradição saudável da Vida Religiosa que hoje podemos dar um novo significado. Renovar não é repetir uma fórmula nem afirmar-se no imobilismo. Renovar é tornar novo o caminho do seguimento. Renovar é escutar o chamado de Jesus através do mundo de hoje e discernir, em comunidade, como podemos ser significativos/as a partir de nossas origens carismáticas.

Renovar os votos é tornar nova a fé - acreditar no Outro e no outro - em algumas circunstâncias, talvez, muito diferentes daquelas da primeira profissão. Este caminho, dizia o Papa ao abrir o ano da fé, pode parecer como uma peregrinação nos desertos do mundo contemporâneo, por isso convém levar apenas o que é essencial: o Evangelho e a fé da Igreja.

COMEÇAR DE NOVO
- O DESAFIO DA VIDA RELIGIOSA FEMININA
DO BRASIL - HOJE

Ir. Márian Ambrosio, IDP

Esta conferência foi apresentada pela irmã Marian Ambrosio, ex-presidente da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil, na Assembléia Plenária UISG em Roma, 3-7 Maio de 2013.

Original em Português

Em comunhão com toda a Vida Religiosa brasileira, agradeço o convite para partilhar o depoimento sobre alguns aspectos da atual experiência da Vida Religiosa feminina, *hoje*, no Brasil. Acentuamos a palavra **hoje**, porque *é hoje* é o tempo sagrado que a Divina Providência nos concede assumir – kairós!

Todas nós somos herdeiras de um passado, responsáveis por responder às urgências de *hoje* em vista da construção do futuro.

A Vida Religiosa feminina em missão no Brasil, é herdeira de um passado marcante, fecundo e feliz, cuja experiência está estreitamente vinculada à opção da Igreja Latinoamericana pós Concílio Vaticano II. Desde “Medellin”, duas atitudes se fizeram carne em nossas opções: saindo de nossas obras, aprendemos a analisar a realidade que nos envolve; e aprendemos a dar um nome ao nosso amor – os pobres. Desde “Puebla” consolidamos a escolha fundamental que **registra** para sempre a opção preferencial e evangélica pelos excluídos do direito de viver com dignidade. A partir desta escolha, a Vida Religiosa feminina do Brasil nunca mais foi a mesma. Como um divisor de águas, podemos hoje nos situar entre “antes e depois” de Medellin e Puebla. Seguir Jesus passou a significar dar passos corajosos ao encontro do lugar social, cultural e geográfico vivido pelos empobrecidos, com sólidos projetos de transformação enraizados na Leitura Orante da Palavra de Deus e na espiritualidade encarnada na vida de nossos povos.

Surgiu então o primeiro traço do protagonismo que avançou nas periferias e nas fronteiras sócio-políticas das últimas cinco décadas. Atuamos na liderança da luta sócio-política pela superação da fome e da pobreza extrema, pelos direitos da mulher, das crianças, dos discriminados, dos sem-terra, dos sem teto e sem direitos.

Para compreendermos o segundo protagonismo da Vida Religiosa feminina, é importante sublinhar ainda que esta itinerância vocacional acompanhou a opção da liderança institucional da Igreja do Brasil a favor das populações empobrecidas e das culturas marginalizadas. Frente às provocações da imensidão do território brasileiro e da carência de padres na época, a Vida Religiosa feminina passou a ocupar um significativo “lugar eclesial”, atuando fortemente na organização pastoral das comunidades.

Em brevíssimo resumo, podemos afirmar que este duplo protagonismo – social e eclesial, são a herança dos dias de ontem, que a Vida Religiosa feminina do Brasil está aprendendo a perder *hoje!* Mesmo perante os imensos desafios que a realidade brasileira continua a apresentar, os dois aspectos sublinhados: a condição sócio-econômica e a condição eclesial brasileiras mudaram muito... Projetos sociais são hoje marca do governo brasileiro, e projetos pastorais são hoje marca do episcopado e do clero brasileiro.

Com certa perplexidade, a Vida Religiosa feminina do Brasil se olha no espelho da vida, e reconhece o rosto de sua crise: quem somos nós? Que lugar social e eclesial ocupamos hoje? Que significado temos hoje para a Igreja e para o mundo? “

- * A primeira pergunta nos coloca frente à questão da identidade: sentimos a urgência de definir o núcleo vocacional identitário da Vida Religiosa;
- * A segunda pergunta nos coloca frente à questão do lugar da missão: sentimos a urgência de fazer a passagem da compreensão de lugar social-eclesial para a experiência do lugar-teologal simbólico da Vida Religiosa;
- * A terceira pergunta nos coloca frente à urgência de superar a construção de projetos fundamentados em nossa competência e perfeição no “fazer”, e encarnar o valor simbólico-místico-profético da Vida Religiosa, pelo “ser”.

O desafio é um só: começar de novo! Não “corrigir o passado”, porque a experiência histórica é mesma. Simplesmente, começar de novo = Buscar *hoje* o sentido vocacional mais profundo; Definir *hoje* a Vida Religiosa em sua vocação de discípula de Jesus e discípula de seu Reino; Como discípula, aprofundar *hoje* os conteúdos do núcleo identitário e criar *hoje* a linguagem para descrevê-lo com e para as novas gerações da Vida Religiosa.

Talvez a provocação mais visível da Vida Religiosa feminina do Brasil possa ser definida como a consciência de nosso “não lugar” na sociedade e na

Igreja. Não somos mais as melhores professoras, as melhores enfermeiras, as melhores assistentes sociais, as melhores agentes de pastoral ou as melhores filantropas... É este protagonismo que ora perdemos. Esta “casa segura” que habitamos até agora, não nos confere mais **legitimidade**. E esta é a nossa chance... rica, fecunda e preciosa! Pois o “não lugar” é o lugar bíblico dos profetas e das profetizas. Fora do palácio e fora do tempo, profetas e profetizas emprestaram e emprestam sua voz e sua vida ao Deus da Vida!

Não queremos, de forma alguma, apagar o dia de ontem. Não há decepção ou frustração. A raiz teológica da opção fundamental pelos pobres, a raiz bíblica de nossa opção preferencial pelos pobres é nossa força! Há, sim, desencanto. Principalmente quando, mesmo sabendo da urgência da conversão a este sentido mais profundo, continuamos acomodadas, insistentes e repetitivas em ocupar o lugar de suplência para o qual não nos sabemos mais vocacionadas: por um lado, suplentes do Estado, fazendo que o Estado não quer ou não sabe fazer; e suplentes do clero, fazendo que o clero não quer ou não pode fazer.

O dia de ontem, portanto, que não queremos apagar nem diminuir, fortalece nossa opção pelos pobres, pelos lugares de fronteira missionária e apostólica. O dia ontem nos ensina, porém, a definir nosso lugar como o “lugar teológico”, onde a Vida Religiosa passa a ser reconhecida pelo seu ser, por ser discípula de Jesus, por sua paixão pelo Reino de Jesus a ser instaurado aqui e agora.

Como um êxodo pascal, estamos aprendendo a morrer para modelos, para que possamos nascer de novo, com audácia evangélica, do jeito como Deus nos desejou através da inspiração de nossas fundadoras e fundadores.

Aqui, vale um parêntesis: existe, sim, no Brasil, uma Vida Religiosa Samaritana, que cumpre atividades do Estado e do Clero, não como suplente, mas como opção por comunidades de fronteira missionária, onde Jesus não é anunciado, e onde irmãs e irmãs nossas continuam excluídos da experiência da fé cristã. Lá, somos mulheres da madrugada, desde a primeira hora, continuaremos por muito tempo ainda.

Aqui, diante das Superiores Gerais de nossas Congregações,

- 1) recordamos **um princípio fundamental**: sem levar em consideração este ponto de partida – a escuta da realidade que hoje experimentamos; e sem fazer a escolha definitiva por “começar de novo”, não há perspectivas para uma verdadeira animação vocacional ou elaboração de programas de formação. Isso seria semelhante a colocar remendo novo em tecido velho...
- 2) recordamos **um lugar fundamental**: a Vida Religiosa segue Jesus, assumindo seu Projeto. Somos para o Reino; e a tensão existencial e positiva que existe entre Igreja e Reino, existe também em nossas opções missionárias...
- 3) recordamos **uma escolha fundamental**: não tenhamos medo de salvar em

primeiro lugar as as pessoas vocacionadas, deixando para um segundo plano a salvação das estruturas que sustentam a Instituição que presidimos. Não vale à pena salvar uma Instituição para, em seguida, reconhecê-la sem perspectivas... É hora de identificar vocacionadas para o Reino!

- 4) recordamos **um projeto fundamental**: jovens vocacionadas que nos procuram buscam identificar-se com a razão primeira de nossa existência, e não com uma lista de possibilidades ou de necessidades institucionais. É preocupante verificar que, ao invés de convidar jovens a se inserirem em um projeto central carismático do Instituto, tentamos acomodar-nos a improvisações que respondam a necessidades pessoais de uma juventude ainda sem sinais de pertença e sem opção amadurecida em verdadeira experiência missionária a favor da vida e do Reino...
- 5) recordamos **uma relação fundamental**: a comunidade religiosa é, sem dúvida, o primeiro lugar a ser contemplado com amor e em vista do amor. Itinerando de modelo em modelo, somos desafiadas, hoje, a superar modelos e a compreender a Vida Comunitária como lugar da experiência teológica enraizada na certeza de que Deus é comunhão. Nossa liderança deve ser exercida com autoridade, isto é, favorecendo a gerando de autoras, construindo autorias, cultivado circularidade e inclusão, em verdadeira comunhão de vida e de missão...
- 6) recordamos **um testemunho fundamental**: muito mais que nossas palavras, seremos nós mesmas, por nosso ser, por nosso agir, por nossa comunicação, por nossa presença, por nossas escolhas, pela coragem em propor mudanças, o instrumento primeiro do processo do desejo de “começar de novo”...

Neste momento histórico, somos provocadas a sermos sinal profético da **presença atuante de Deus no mundo. No momento em que o Carisma fundacional puder ser tocado, experimentado através de nosso ser, então todo o nosso fazer se tornará pleno de significado.** Em tempos de grandes reformas, a Vida Religiosa deu tudo o que podia de si: reformulou constituições, casas, comunidades, estruturas. Em tempos de grandes transformações, está voltando ao seu dom maior, ao seu essencial, à razão primeira de sua existência - **Deus**. Não somos merecedoras dessa graça, desse dom. Somos escolhidas a partir da liberdade amorosa de Deus. Não somos nem melhores nem piores que as demais, somos diferentes. Podemos dizer que somos radicais, que vamos diretamente à raiz; crescemos em direção ao profundo, através de profundos encontros com Deus.

Se acreditamos que este é o lugar de origem da Vida Religiosa, então podemos dizer que nos encontramos no momento de regressar do exílio, com saudades da “terra santa” que pertence a Deus, e que Ele nos confia para ocupar, em seu nome. Nosso lugar natural não são as margens dos rios da Babilônia, e nossa atitude natural não é choro do desencanto pelos projetos que já foram

nossos, nosso sonho é voltar, vestindo roupas de peregrinos, cantando os salmos da itinerância das profetizas e dos dos profetas de Deus, enraizadas na experiência de ontem, na luta por mais justiça e esperança de vida para o mundo de *hoje*.

Para a grande pergunta sobre nossa identidade, a resposta é simples: nossa identidade é Jesus Cristo. ***Somos a memória Evangélica para o povo de Deus, que também sonha voltar do exílio.*** E, porque o Evangelho é boa notícia, somos uma ***reserva de esperança*** para o mundo. E para a grande pergunta sobre a mística da Vida Religiosa, a resposta também é simples: vivemos o mistério cristão com tal intensidade que a parte de Deus prevalece sempre sobre nossa atividade humana, por mais apostólica que ela seja. ***Deus faz mais, Deus faz primeiro e Deus faz sempre.*** O mundo que, como já vimos, deixou de procurar-nos na qualidade de mestras, precisa hoje de nós como testemunhas. Em tempos de nova evangelização, evangelizamos pelo testemunho de nossa fé. Há muitas mestras falando sobre Deus. Sejamos discípulas, sejamos discípulas...

TESTIMONIOS

36 HORAS NAS ESTRADAS DA SÍRIA ORAÇÕES CONTÍNUAS E PREOCUPAÇÕES

Ir. Teresa K., FMM

Irmã Teresa K. é uma FMM síria em missão na Rússia. Por ocasião de sua visita à família em Damasco, Irmã Narelle, provincial do Oriente Médio, pediu-lhe para ajudar um mês uma comunidade de Aleppo. Este artigo nos fala do que se passou enquanto tentava chegar em Aleppo. Aborda também a situação de uma zona de guerra e da vida dos habitantes daquele local.

Original em Francês

É quarta-feira, às 08 da manhã em Damasco, comecei minha viagem à Aleppo, localizado à 330 km de Damasco. Normalmente leva-se 4 horas para chegar em Aleppo de ônibus, mas em nossa situação atual, serão necessárias pelo menos 10 horas. Com grande surpresa percebi que meus colegas à direita e à esquerda, os da frente e os atrás, com o Coran e um terço muçulmano na mão, rezavam continuamente. Inútil dizer que eu também fiz o mesmo, assim como todas as Irmãs fmm, os membros de minha família e os/as amigos/as.

As primeiras horas na estrada passaram calmamente, a pesar dos riscos de ter que atravessar as zonas onde encontravam-se os franco-atiradores e as innumeráveis barreiras de controle para a verificação “correta é digna” dos documentos de identidade e as fraudes. De vez em quando os viajantes recebiam chamadas telefônicas de seus familiares, que estavam preocupados por eles. É claro que, Irmã Narelle, as Irmãs de Damasco e minha família fizeram o mesmo.

Fiquei chocada ao ver os danos, a destruição ao longo do caminho, especialmente os danos na estrada internacional e nas ruas das cidades de Homs e de Hama. Ao final de 7 horas de estrada, e de comunicações entre famílias, começou a circular um rumor: a entrada de Aleppo estava fechada, porque havia combates. Parece que é normal, acontece de vez em quando e basta esperar que acabe o combate para dar continuidade à viagem. Na parada habitual para tomar algum lanche, o motorista nos disse: “Tomem o tempo que precisam para se

refazerem, não sabemos a que horas vamos partir, pois não sabemos quanto tempo precisamos aguardar para entrar em Aleppo.”

Passadas os controles do exército Sírio, entramos nos povoados que estão sob o poder dos “almoussalahin” (grupos armados). Pediram que nos cobrissemos. Todas as mulheres estavam preparadas para isso, apesar de expressarem o seu descontentamento. Estava feliz de ver que estávamos a uns 30 km de Aleppo, eram 17h e 30, e se tudo fosse bem, estaria com as Irmãs em Aleppo, pelas 18h. Mas não foi. Depois de 10km, em Zraibe, dezenas de ônibus, de micro ônibus e carros esperavam. A entrada de Aleppo estava fechada por causa dos combates. Infelizmente não havia possibilidade de linha telefônica para nos comunicar e tranquilizar nossas Irmãs e familiares. A noite chegou e ninguém podia mover-se, mesmo que cessassem os combates. Era preciso passar a noite no ônibus e, ao nascer do sol retomar à viagem.

Quanto gestos de solidariedade e de partilha entre os passageiros! Alguns que tinham uma linha de telefone especial, colocavam à disposição para que as pessoas pudessem usar para tranquilizar as famílias, outros compravam pão para distribuí-los, outros ofereciam doces árabes, tâmaras e bebidas que traziam consigo.

As pessoas do povoado ofereciam hospitalidade. Alguns passageiros aceitaram e parece que a recepção foi muito boa.

A noite era muito barulhenta por causa da circulação de viaturas reservada para os grupos armados: caminhões, caminhões-tanque... ?? Ao amanhecer, 5h da manhã, os carros se põem na estrada. Que sorte, logo mais estaremos em Alpo! Mas, no final de 2 km, novamente outra posto de controle e tivemos que voltar. Os combates continuavam. Ouvíamos os sons fortes e até perto de nós havia disparos de tiros.

Depois de perder a esperança de entrar na rota internacional de Alpo, que permaneceria fechada até na segunda-feira, tivemos que tomar uma decisão. Os “almoussalahin” nos propuseram duas soluções possíveis: um caminho mais ou menos seguro (mais de 4 horas de estrada) que nos levaria à região de Aleppo, ocupado pelo “almoussalahin”, e chegando lá, cada um/a teria que se organizar para chegar até a região do exército Sírio, ou retornar à Damasco. O motorista, não quis se aventurar em caminhos que não conhecia... Alguns passageiros oriundos desta região tomaram um micro-ônibus e decidiram continuar a viagem, e outros preferimos retornar à Damasco.

Às 10 da manhã, tomamos a estrada de volta para Damasco, para chegar às 20 horas.

As aventuras continuaram, mas as preocupações eram menores. O clima estava mais relaxado. Começou a relação entre os viajantes. Uma vizinha me

perguntou: “*Que significa a aliança em seu dedo?*” ... Durante o jantar, sentei à mesa com a família “J” que me ajudou a contatar com as Irmãs. E em seguida, a mulher me pergunta: “*Você é religiosa?*” Finalmente, entre os viajantes, tivemos a coragem de trocar nossos números de telefone.

Na entrada de Damasco, recebemos a ordem de não olhar para a direita nem para a esquerda e não fazer qualquer gesto. O ônibus passou a uma velocidade altíssima, por medo dos franco-atiradores.

As orações e os gestos de delicadeza continuaram. A família “J” telefonou em seguida para as Irmãs para comunicar que havíamos chegado.

Na chegada, eu soube que às 18h, foi celebrada uma Eucaristia por mim, para que eu retornasse sã e salva à Damasco, na paróquia de minha irmã.

Demos graças ao Senhor ... porque o seu amor é eterno!

* **Talithakum**, o projeto da UISG contra o tráfico de seres humanos, durante o último trimestre, realizou as seguintes atividades:

- **Roma:** *Participação no seminário sobre o tema “tráfico de seres humanos: a escravidão moderna”, organizado pela Pontifícia Academia das Ciências, no Vaticano. Na declaração final, encontra-se: “a Santa Sé incentiva as ordens religiosas masculinas a trabalhar em colaboração com as ordens religiosas femininas para aliviar o sofrimento imediato das vítimas do tráfico humano e sua exclusão social a longo prazo”.*
- **Brasil:** 250 religiosas latinoamericanas reuniram-se em Brasília, em novembro passado, para preparar a campanha contra o tráfico humano, “*Um grito para a vida*”. A campanha é coordenada pela rede brasileira, por ocasião da Copa do Mundo de 2014.
- **Tailândia:** coordenado pela Irmã Estrella Castalone da UISG (Roma), teve lugar o primeiro curso de formação jurídica, com o objetivo de conhecer com maior profundidade a legislação e proteger os direitos das pessoas vítimas do tráfico humano. Participaram 45 religiosas pertencentes às três redes da Talithakum, na Ásia.
- **Europa:** na Eslováquia, a rede europeia Renate desenvolveu um Seminário para aprofundar a doutrina social da Igreja.

A rede das religiosas contra o tráfico humano de **Nova Zelândia**, em janeiro de 2014, tornou-se parte da rede Talithakum. Com isso, o número de redes, coordenado pela UISG, sobe para 23 e compreende cerca de 800 religiosas que trabalham neste campo em mais de 76 países.

* **Em Busan (Coreia do Sul)** de 30 de outubro a 8 de novembro de 2013, foi realizada a X Assembleia Ecumênica do Conselho Mundial das Igrejas com a presença de cerca de 3000 cristãos e as delegações das 345 Igrejas. Participaram dela, também, os secretários das duas Uniões (USG/UISG), convidados pelo Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos como membros da delegação do Vaticano. O encontro com essa grande variedade de pessoas e crenças religiosas tem sido muito enriquecedor. Todos os que creem em Jesus. Todos os que rezam com a Palavra. Todos muito empenhados e comprometidos com a paz e a justiça num caminho comum para a Unidade. Pela primeira vez, foi eleita uma mulher anglicana de Quênia, Agnes Abuom, como “moderadora” para os próximos sete anos.

* **“Viver a liderança de maneira fecunda”** é o tema que, de 9 a 10 de janeiro de 2014, reuniu 75 superiores gerais da chamada **Constelação de Roma**,

formada pelas superiores gerais de congregações internacionais com sede em Roma. Sua reflexão foi dividida em três unidades: *como fazer que a liderança seja uma missão eclesial fecunda, a liderança como uma missão partilhada no Conselho e a visita canônica como encontro que promove vida*. As discussões em grupos e a partilha pelas participantes, possibilitaram a troca de experiências, a partilha sábia e concreta com muitos elementos práticos. Antes da celebração da Missa de encerramento houve um diálogo com Mons. Carballo, Secretário da CIVCSVA, que alimentou a esperança numa Igreja-Comunhão, aberta e próxima de todos.

- * “Desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização “é o tema da **Assembleia Geral extraordinária do Sínodo**, convocada para o próximo mês de outubro de 2014. A UISG recebeu o convite para a apresentação de uma síntese das respostas dadas pelas superiores gerais ao questionário em preparação. Devido ao pouco tempo disponível, foi estendido o convite para as congregações internacionais com sede em Roma e, com a ajuda de uma equipe, foi preparado um resumo das respostas que foram entregues ao Secretário Geral, Mons. Baldisseri. Ao mesmo tempo, pedimos que estivessem presentes, neste evento, algumas das muitas representantes religiosas que trabalham no campo do acompanhamento às famílias.
- * **A Conferência dos Religiosos da Nigéria**, acabou de concluir a celebração do 50º aniversário de sua fundação. Muitas foram as atividades organizadas em 2013 para esta ocasião. Irmã Verônica Openibo, SHCJ, membro do Conselho Diretivo da UISG e de origem nigeriana, participou como representante da União à solene Celebração Final, que aconteceu de 20 a 23 de fevereiro de 2014.
- * Iniciou recentemente pela Comissão Executiva a reflexão para preparar a celebração do **50º aniversário da UISG** que acontecerá no dia 8 de dezembro de 2015. O Papa Francisco, no final de sua reunião com os membros da USG, anunciou que 2015 será o ano da vida consagrada. A coincidência é surpreendente, porque ambas estas datas referem-se ao Concílio Vaticano II (a publicação do documento Perfectae Caritatis e o nascimento da UISG no dia da conclusão do Concílio). A celebração do 50º aniversário da UISG terá início aos 8 de dezembro de 2015 e culminará com a Assembleia Plenária de 2016. Abrimos um concurso de ideias para organizar a celebração deste aniversário seja nas constelações de todo o mundo como na de Roma. Enviaremos em seguida mais informações sobre o programa.
- * O próximo **Conselho de Delegadas da UISG**, “órgão de discernimento, deliberação, decisão e ação” da União, que é celebrado a cada ano e meio, acontecerá em Accra, no **Gana**, de 28 de novembro a 3 de dezembro de 2014. O Conselho de delegadas é formado pelos membros do Conselho Diretivo e

delegadas eleitas pelas Constelações. Além de discutir questões relativas à União e para saber mais sobre a vida religiosa no continente africano, o Conselho de Delegadas continuará a aprofundar o tema sobre o estilo de liderança evangélica, proposto durante a Assembléia Plenária de maio de 2013.

- * **Irmã Patricia Murray, IBVM**, foi nomeada Secretária-Executivo da UISG e substituirá a Irmã Josune Arregui, ccv, que terminou seu serviço nesta função, depois de quase quatro anos. Irmã Pat, que vai ocupar esta função em abril próximo, é irlandesa e nos últimos anos foi a Diretora do Projeto Solidariedade com Sudão do Sul.